

O futuro: uma bolha suspensa

Ser crítico não é ser contra, mas ajuda a ampliar o entendimento do que se analisa

ADICIONAR A FAVORITOS ★ IMPRIMIR 🖨️ COMPARTILHAR ↗

O mundo é veloz demais para o Brasil. Somos donos do instante, portanto de nada, pois ele se esvai. Celebro o esforço das autoridades energéticas nacionais que apresentaram a Proposta de Aprimoramento do Marco Legal do Setor Elétrico do



ARTIGO

PAULO LUDMER, CONSULTOR

[VER TODOS OS ARTIGOS DESTE AUTOR](#)

país (Audiência Pública 33, recém finda em 17 de agosto de 2017). Aplaudo a confecção da Nota Técnica de número 5/17, para o desenvolvimento dos trabalhos. Mas, neste Portal CanalEnergia, cumpro, desde 2000, meu tradicional papel de crítico (o pessimismo frequentemente acerta, o otimismo nos mantém vivos).

Ser crítico não é ser contra, mas ajuda a ampliar o entendimento do que se analisa. É o que repetidamente faz [Claudio Sales](#) e equipe do [Instituto Acende Brasil](#). Achei excelente as dezoito propostas da AP 33 arrumadas em quatro temas (agradeço os esclarecimentos do Instituto Acende pelo seu recente artigo, neste Portal CanalEnergia).

Apenas recapitulando e resumindo: A) mudanças nas políticas públicas; B) destravando saturações; C) realocação de riscos e custos entre os agentes; e, D) desjudicializando as relações. Atrevo-me a sugerir E) a nova memória.

Contributivo aos andamentos, ouso trazer assertivas e ensinamentos de Giselle Beigelman, artista e professora da Universidade de São Paulo, extraídos de suas três centenas de páginas sob o título "Reinventar a Memória é Preciso", páginas 110 a 130, extraídos "Da cidade interativa às memórias corrompidas: arte, design e patrimônio histórico na cultura urbana contemporânea (2016)".

"A internet esquece, mas a cultura digital não nos deixa lembrar. Produzimos e publicamos em escalas de petabytes em serviços que podem desaparecer a qualquer momento...", inicia Beigelman.

Cabe ao setor elétrico compreender que pior do que bombas de hidrogênio, hoje, numa guerra convencional, eficazes são simples mísseis que destruam os suportes das nuvens do google, facebook, youtube e que tais. "Nossos equipamentos deixam de funcionar na velocidade de um clique...". Sempre linhas de transmissão, usinas e subestações seriam alvos, porém secundários na atual conjuntura.

Como lidar com memórias instáveis? O presente imediato apenas parece essencial. Brasília deveria liderar a questão da temporalidade, preservação e do futuro. Está cada vez mais difícil o acesso ao passado, as nuvens atrofiam nosso manejo de lembranças. Hoje memória é algo quantificável; uma mercadoria que se compra e vende via bytes. Memória é coisa: quanto tem no seu computador? Negociam-se, apagam-se, perdem-se, deformam-se.

Beigelman sugere que "... há incontáveis possibilidades de combinação entre essas variáveis e entre programas distintos, sistemas operacionais e suas específicas formas de personalização".

A experiência é estar em trânsito. Vide o que está acontecendo com a evolução das eólicas fora do Brasil, que nossa logística não consegue acompanhar. Pás que nossas estradas não deixam passar. Ou com a solar e os carros elétricos.

O imponderável e o imprevisível alteram estratégias de programação e publicação – debaixo de constantes emulações e analogias – as condições que impedem a preservação do contexto no qual se modeliza. Eu mesmo, sem sucesso devido à crise, recentemente ofereci à EPE (Empresa de Pesquisa Energética) ferramentas atuariais e estocásticas que simulam centenas de trajetórias futuras sobre combinações probabilísticas do real, que desenham filmes para aonde vamos. Há muito o Excel não dá conta, inexistente a estabilidade no contexto digital.

Ao setor elétrico cabe incorporar imediatamente este mundo novo. Armazenamento de dados está cada vez mais limitado nos dias que correm. A produção e circulação de dados varia rapidamente. Soluções são provisórias e paliativas. Memória transfigurou-se em um bem econômico e um serviço. O que conta é o agora, com intensidade crescente. Por sua vez, a quantidade de dados torna as ferramentas de busca restritas. Observe-se que a escala humana é derrotada pelo volume da produção de dados sem precedentes na história.

Giselle Beigelman sugere que se visitem métricas alucinantes no www.internetlivestats.com: "Entre o momento que você abriu esta página e leu essas poucas palavras, 100 horas de vídeo entraram no YouTube. É o que se estima que aconteça em 1 minuto na Internet. Nesse mesmo espaço de tempo, cerca de 150 mil fotos foram postadas no Instagram...", 1,55 bilhão de pessoas apenas no Facebook, registram 650 milhões de publicações diversas. No twitter, 320 milhões de pessoas diariamente postam 1 bilhão de mensagens.

Me perdoe o engenheiro Mário Santos, que cuida da Memória da Eletricidade no país, mas neste contexto o passado é, em linguagem figurada, a-história. Expulsa-se também a banalidade do presente. Vê-se uma recusa do fluxo do tempo histórico, seja nas artes, território de Beigelman, seja no nosso setor ou em outro qualquer. Cria-se um novo, para expulsar o presente. O futuro é uma bolha suspensa impossível de ser conectada.

Paulo Ludmer é escritor com o site www.pauloludmer.com.br e consultor